

## **Entre ciência e senso comum: os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens na Folha de S.Paulo<sup>1</sup>**

Carla Costa GARCIA<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

### **RESUMO**

O jornal é um meio heterogêneo em que coexistem múltiplas vozes, imagens e sentidos, que atuam ativamente na construção da notícia – produto cultural, que deve ser inteligível a um público amplo e diverso. Baseado nesse pressuposto e a fim de inferir porque as notícias são como são, o presente artigo avalia, por meio da análise de conteúdo, 107 notícias sobre os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens veiculados pela Folha de S.Paulo, em 2009. Analisa-se a partir de uma temática classificada na intersecção entre Comunicação e Saúde, cuja origem é científica, mas tem implicações na vida social de seus portadores, o jornal e a notícia como meios incorporadores e disseminadores, concomitantemente, de representações sociais e enunciados da ciência, compreendendo quais as notícias que temos e porque as temos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação e Saúde; Notícias; Transtornos Mentais e de Comportamento; Jornalismo; Representações Sociais

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 1993) caracteriza os transtornos mentais e de comportamento por um conjunto de sintomas e condutas que causam sofrimento e interferem nas funções e relações sociais do sujeito portador – no Brasil, 23 milhões de pessoas. Neste estudo eles são representados pelas psicoses – esquizofrenia, transtorno maníaco-depressivo e autismo -, além da psicopatia e de neuroses como transtorno de ansiedade, síndrome do pânico, depressão, fobia, mania, transtorno obsessivo-compulsivo, etc. E embora 12% da população nacional conviva com esses distúrbios, a ciência ainda não foi capaz de desvendá-los totalmente, de modo que predominam controvérsias e muitas interrogações a respeito do que são, de suas causas, tratamento e até mesmo em relação à possibilidade de cura.

Mas, se a ciência ainda não foi capaz de compreendê-los ou defini-los, no saber prático, prevalecem inúmeras representações sociais, que influenciadas pelos mitos, crenças, cultura e memória social predominante apropriam-se da construção histórica da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação – FAAC/ Unesp. Jornalista especializada em Jornalismo Científico (Lajor/Unicamp), email: [carlac.garcia@uol.com.br](mailto:carlac.garcia@uol.com.br)

loucura para atribuir imagens, familiarizar os transtornos e instituir o papel social de seus portadores e se baseiam em conceitos que os ligam ao isolamento e à incapacidade de pensar, agir e controlar seus atos e impulsos. Representações que estão presentes também nas notícias – valores simbólicos e produtos da cultura - e, muitas vezes, os condenam a viver como excluídos sociais vagando sem destino pelas ruas das grandes cidades ou trancafiados dentro de suas próprias casas, em hospitais ou manicômios judiciais, quando a exclusão os aproxima da violência.

Diante desse contexto e do quadro de exclusão social imposto ao portador, cabe ao jornalismo, em especial o científico, selecionar e divulgar novos achados e eventuais desenvolvimentos da ciência na busca pelo entendimento, tratamento e possível cura dos transtornos. Ou seja, informar o leitor para que ele os compreenda, desmitificando a imagem de seu portador e contribuindo para sua inserção social. Entretanto, mais do que veicular as versões e acontecimentos científicos, cabe ao jornalismo científico fazê-las compreensíveis a um público amplo e generalizado. Processo, que assim como o jornalismo, atua sobre o senso comum e, por isso, é um espaço de tensão entre ciência e representações sociais, que são concomitantemente incorporados e disseminados pelo produto midiático, a notícia.

Baseado nessas constatações, este estudo buscou identificar quais as notícias de ciência que temos sobre os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens na *Folha de S.Paulo*, em 2009, compreender o porquê de serem como são e seu processo de construção social e, conseqüentemente, inferir por que as notícias são como são. Para isso, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e, em especial, a análise de conteúdo sob os enfoques quantitativo e qualitativo, a fim de analisar a produção e os sentidos difundidos nas 107 matérias que compõe o *corpus* deste artigo.

### **Jornalismo Científico**

Divulgar ciência consiste em mesclar o saber popular ao científico (MOSCOVICI apud GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2009). É o ato de selecionar um fato científico, interpretá-lo a partir das crenças e conhecimentos compartilhados por uma sociedade – as representações sociais, por exemplo - e transformá-lo em uma narrativa inteligível a um público amplo e abrangente. Sendo que “A transição do conhecimento proveniente de um círculo científico restrito de especialistas para territórios públicos mais amplos é, muitas

vezes, a mesma transição entre o pensar com conceitos para o pensar com imagens e mitos” (MOSCOVICI apud BAUER, 2009, p.232).

É ela que diferencia o conteúdo da disseminação e da divulgação científica, cujo um dos tipos é o jornalismo científico. De modo que “divulgação científica não é outra coisa senão um esforço de inteligibilidade do mundo que se busca e, ao mesmo tempo, se compartilha com os demais” (CAPAZZOLI, 2002, p.121). Para ser inteligível, a ela mescla o saber científico ao popular e o pensar com conceitos a mitos e imagens. Característica que é a base do jornalismo científico, um tipo de divulgação capaz de manter a comunicabilidade entre o físico, o advogado, o operário e o filósofo, uma plateia ampla e diversa, transpondo a brecha entre cientistas e não cientistas (BURKETT, 1990).

Ao transmitir informações sobre ciência e saúde a mídia desempenha uma missão estratégica e fundamental, que é deixar a sociedade – seu público – minimamente informada sobre essas temáticas, podendo compreendê-las ou, ao menos, saber que elas existem e podem influenciar suas vidas. Dorothy Nelkin (1995) reforça essa função ao afirmar que, para muitas pessoas a ciência é aquilo que leem nos jornais.

Por outro lado, Nelkin (1995) também afirma que no jornalismo científico, muitas vezes, a imagem – o senso comum, a crença sobre o tema – substitui o significado real, a informação factível e útil. Com isso, as matérias “vendem” a ideia de que a ciência criou ou está desenvolvendo “soluções mágicas” para a cura de doenças ou para acabar com a poluição, por exemplo. Outra característica apontada pela autora é a homogeneidade das matérias de ciência, visto que a maioria dos artigos sobre determinada temática recorrem às mesmas fontes, que interpretam diferentes informações de modo semelhante.

Não há contraditório na cobertura de ciência. Dispensamos o jornalismo sobre ciência de cumprir o mandamento que interdita a matéria feita a partir de uma única fonte porque entendemos que não há versões da verdade quando se trata de ciência. Compartilhamos e cultivamos, ao longo da modernidade, a crença de que a verdade da ciência não comporta versões, dado ser a ciência justamente o método mais perfeito desenvolvido pelo homem para a apreensão da verdade sobretudo no mundo passível de ser tomado como objeto desse método. (TEIXEIRA, 2002, p.134)

A crença do jornalista na credibilidade e na neutralidade da ciência limita seu trabalho a apenas reconhecer as informações e “traduzi-las” em versão simplificada (TEIXEIRA, 2002, p.135), sem questioná-las ou ouvir distintas versões para que se

construa o enunciado final. Com isso, o jornalista científico “compra” a opinião daquele pesquisador que considera como autoridade, o julgamento objetivo da “verdade”, sem ao menos atentar-se para o fato de que ele pode estar usando a mídia para divulgar seu trabalho e obter apoio da opinião pública e financiamentos para seus estudos. O jornalista torna-se um divulgador da “verdade” desse pesquisador. Com isso, a mídia cobre a ciência como propaganda, exalta seus feitos, ignora os fracassos e jamais questiona. Ela é vista como a solução de todos os problemas, a cura das doenças, o fim da fome, das pragas e misérias.

### **Comunicação e Saúde**

Para Bueno (2001), a comunicação em saúde deve ser vista como a mais importante modalidade de divulgação científica, principalmente, em função do tempo e do espaço dedicados a ela pelos meios de comunicação de massa. Segundo Melo (2006, p.11), essa preocupação deve-se ao fato de que “cidadãos sadios, nutridos e felizes podem desencadear mecanismos de desenvolvimento capazes de sustentação autônoma, tornando factíveis, estáveis e duradouras as sociedades onde vivem.” Sendo que “uma informação adequada, cognitiva e emocional reduz de maneira sensível os custos de prevenção e tratamento das enfermidades” (EPSTEIN, 2001, p.162). Desse modo, a divulgação de saúde “pode não ser uma panaceia para todos estes problemas que nos afligem, mas certamente pode se constituir num valioso implemento auxiliar” (p.163) e contribuir, inclusive, para a prevenção e até mesmo a cura de algumas doenças.

A OMS define saúde como “estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença” (EPSTEIN, 2001, p.163). A mídia, por sua vez, cobre o tema a partir do binômio saúde/doença e, por isso, a vê como ausência da enfermidade, que “é um estado que afeta o organismo de um indivíduo” (ADAM; HERZLICH, 2001, p.9), impedindo o bem-estar e, por consequência, causando sofrimento.

Ao concentrar o foco na doença sem contextualizar os fatores que podem tê-la provocado, a mídia realiza coberturas fragmentadas que, quando analisadas serialmente, mostram-se contraditórias (BUENO, s/d).

Isso se dá uma vez que ela baseia muitas de suas matérias em resultados preliminares ou que ainda não foram submetidos à avaliação por outros cientistas, mas têm como pesquisador responsável um cientista legitimado, autoridade em sua área ou que pertença a uma instituição com credibilidade. Os jornalistas não se preocupam em questionar a qualidade e a validade das informações. Por confiarem no nome do cientista ou

na instituição não se atentam ao fato de que pode haver interesses da fonte “em divulgar seus conhecimentos, seus resultados de pesquisa, seus produtos, suas tecnologias ou a sua excelência na prestação de serviços” (BUENO, 2001), interesses econômicos que existem nessa cobertura, mas, muitas vezes, passam despercebidos pelos repórteres. Com isso, a cobertura de saúde viabiliza-se “na expressão maniqueísta da luta do bem (a indústria da saúde, o especialista, a tecnologia a serviço da ordem médica) contra o mal (o vírus, a bactéria, a deficiência do patrimônio genético de determinados indivíduos)” (BUENO, s/d).

A mídia tende a narrar os feitos das novas técnicas médicas e ao fazê-lo produzem-se matérias e manchetes espetaculosas, que prometem curas, desvendam os mistérios do corpo e da mente e propagam medicamentos e equipamentos que estão à disposição de médicos. “Em muitos casos, a informação se confunde com releases emitidos pela indústria da saúde, sem que o receptor (leitor, radiouvinte ou telespectador) seja avisado dos interesses do produtor da informação” (BUENO, s/d).

Desse modo, as notícias sobre pesquisa em medicina expressam “a ideia de representação de todo e qualquer sofrimento na forma de doença, que por consequência deve ser passível de tratamento, tratamento este que é ou será ‘descoberto’ pela ciência” (LUIZ, 2006, p.61).

### **Representações Sociais**

Devido à abrangência e por sua função de recodificar e levar as representações sociais sobre os transtornos mentais e de comportamento e seus portadores ao grande público, os meios de comunicação atuam como auxiliares na constituição do conhecimento e do imaginário da sociedade. As representações sociais, por sua vez, são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (GUARESCHI, 2009, p.196). Vistas como teorias do senso comum ou saber prático, elas são mediações que buscam transformar algo não familiar em familiar. E ao fazê-lo têm a capacidade criativa e transformadora dos sujeitos podendo mudar conceitos, estigmas e a sociedade. Elas nascem da coletividade, mas também a modificam, pois são símbolos construídos e compartilhados por membros do grupo social, que usa a mídia para difundi-los.

### **Notícia como produto cultural**

A notícia é fruto de um sistema sociocultural, em que estão inseridos além do próprio jornalista, as fontes, o fato noticiado, a organização jornalística e interesses, crenças e a cultura de todos os envolvidos. Desse modo, o jornalista não é alguém neutro, que apenas reporta um fato a partir de normas e procedimentos indicados pelo ritual estratégico profissional, ele se torna participante ativo nessa construção, uma vez que é a partir de sua interpretação do acontecimento – a qual se dá a partir das crenças, mitos, e representações sociais por ele conjugadas -, que um fato torna-se um discurso e se transforma em notícia.

Os jornalistas enquanto elementos de uma cultura “estão sujeitos à ‘gramática da cultura’ (Colby, 1975)” (BIRD; DARDENNE, 1999, p.271). Regras que determinam quais aspectos da realidade social são úteis para a sobrevivência a fim de que sejam absorvidos (MORETZSOHN, 2007) e retratados em narrativas (TUCHMAN, 1999).

As notícias são o produto final de um processo complexo que tem início com a seleção sistemática de acontecimentos (HALL et al., 1999) e versões da realidade socialmente construídas a serem transformados em estórias (TUCHMAN, 1999; BIRD; DARDENNE, 1999), relatos de acontecimentos noticiosos. É a transformação de um fato em discurso, que institui um modelo simbólico dos valores vigentes na sociedade.

Os jornalistas tornam-se ativos quando transformam “uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 1999, p.169) e para fazê-lo recontextualizam o fato a partir de enquadramentos (*frames*) compreendidos, aceitos e legitimados pela sociedade a qual se reportam (TUCHMAN, 1999; Sousa, 2002). Utilizam como base de interpretação e construção discursiva da estória, crenças e representações sociais compartilhadas pela cultura e memória social do público.

### **Entre notícias e representações sociais**

Tanto as notícias quanto as representações sociais podem ser interpretadas a partir de seu caráter cultural, uma vez que transmitem valores e até mesmo definições sobre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, o mocinho e o vilão. Elas nascem do contexto social, são fabricadas para integrá-lo e têm o potencial de construí-lo e alterá-lo, pois a “realidade” também é socialmente construída (BERGER; LUCKMAN, 2001). A partir do momento em que circulam no tecido social, constituem valores simbólicos e se tornam parte da cultura, mitos e crenças que atuam ativamente na formação desse contexto.

O jornalismo trabalha no campo das representações sociais, desde o senso comum profissional que determina os valores-notícia até aquele que serve de enquadramento para um fato ser reportado. E usá-las é fundamental para a notícia, seja por refletirem a cultura e as convenções sociais, por garantirem a credibilidade e sustentarem o ideal da objetividade, ou até por serem familiares ao público. A prática jornalística é entrelaçada pelas representações e mesmo quando noticia uma versão que contrarie o saber e as crenças populares, elas estarão presentes. Por isso, o jornalismo é uma atividade que tem o poder de reiterá-las, alterá-las e negá-las.

### **Os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens na *Folha de S.Paulo***

No ano de 2009, a *Folha de S.Paulo* veiculou 366 notícias sobre os transtornos mentais e de comportamento. Sendo que 107 (29,2%) desses textos caracterizam-se por referir-se ou divulgar um achado, pesquisa ou acontecimento científico que interferem sobre ou contribuem com os portadores dos distúrbios mentais e de comportamento. Textos que mencionam a tentativa de descoberta de causas, falam sobre prevenção, sintomas, diagnósticos, tratamentos, fatores de riscos, relação causal, enfim, retratam fatos que alteram o conhecimento e a forma de tratar e compreender um determinado transtorno e seus personagens. Notícias classificadas como Ciência, mas que não estão necessariamente alocadas nas editorias consideradas científicas – Ciência, Saúde e Equilíbrio.

Essas notícias foram encontradas em 12 editorias ou seções distintas, mostrando que o jornalismo científico não está restrito à Ciência, Saúde e Equilíbrio, ainda que 70,1% delas estivessem alocados nesses espaços. Mas o fato de 29,9% do bloco temático, o que corresponde a 32 matérias, não pertencerem ao rol das editorias científicas revela dois detalhes importantes. O primeiro remete à Burkett (1990) e Oliveira (2002) que afirmam que o jornalismo científico pode ser usado como pano de fundo para permitir a melhor compreensão de um fato “não científico”, contextualizando-o e o esclarecendo por meio da explicação de um tema de saúde ou ciência. O segundo indica uma possível estratégia adotada pela *Folha* a fim de informar o leitor, colocando assuntos de saúde e ciência em outras editorias para estimular o público a tomar conhecimento dessas temáticas.

Quanto aos transtornos, nota-se que em 45,8% dos textos (49 notícias) são abordados mais de um distúrbio ou termo geral. Depressão é o mais citado em 49 notícias (24,9%), esquizofrenia vem em segundo com 25 textos (12,7%), seguido por transtorno (doente, doença) mental com 24 citações (12,2%). Transtorno de ansiedade é abordado em

21 (10,7%), autismo em 17 (8,6%), estresse pós-traumático em 11 (5,6%), psicose em 10 (5,1%), transtorno maníaco-depressivo em nove (4,6%), fobia em oito (4,1%), transtorno (distúrbio, tratamento) psiquiátrico em seis (3%), TOC e síndrome do pânico em cinco cada (2,5%), loucura em quatro (2%) e mania, psicopatia e neurose em um texto cada (0,5%).

Em 20 (18,7%) notícias há presença de personagens, em 66 (61,7%), fontes. É importante notar ainda que 21,5% delas apenas citam os transtornos, enquanto 78,5% (84 textos) apresentam discussão sobre eles.

Quanto às vozes ouvidas nas notícias - as quais têm o objetivo de dar legitimidade ao texto e, por sua vez, fornecem variadas versões e imagens sobre os transtornos e seus personagens -, em 66 notícias há 154 fontes, que visam exemplificar o transtorno ou a pesquisa divulgada e, em especial, explicá-los. Notou-se o predomínio dos expertises – profissionais da área da saúde e, em especial, pesquisadores e docentes de grandes universidades nacionais ou internacionais. Eles são os entrevistados preferenciais e, por terem prestígio e reconhecimento no meio acadêmico ou por pertencerem a instituições legitimadas socialmente, raramente têm suas opiniões questionadas ou contrastadas com a de outro especialista. Mesmo nos casos em que assunto divulgado é uma pesquisa por eles realizada.

Ao todo são ouvidos 32 pesquisadores internacionais. Entre os brasileiros, o destaque fica por conta dos especialistas pertencentes à USP, com 27 entrevistados, e à Unifesp, com 16 docentes ou pesquisadores procurados. Por outro lado, os personagens – portadores e familiares –, pessoas que convivem com distúrbios, tomam os medicamentos e praticam as técnicas descritas nos estudos que originam as notícias, são relegados e têm sua importância – que é a vivencial – diminuída. Eles são ouvidos em apenas 20 matérias, na maioria apenas como anedotas – exemplos da situação relatada. Em três desses textos eles atuam como especialistas, por sua vivência e conhecimento prático sobre o tema e em outros dois são o destaque da notícia, que usa o pesquisador como fonte secundária apenas para corroborar e dar dados técnicos da história contada.

### **As notícias e seu processo de construção**

Segundo Sousa (2002, 2005), o conteúdo da mensagem da notícia caracteriza-se por indicar os aspectos da realidade a que se refere e as circunstâncias de sua produção. Partindo desse pressuposto analisou-se, com ênfase qualitativa, as 107 notícias sobre os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens veiculadas pela *Folha* em 2009

a fim de conhecer melhor quem são elas e desvendar seu processo de produção. Análise que forneceu importantes pistas sobre as notícias que temos e seu processo de construção social.

Constatou-se que, na veiculação de um tema de saúde, enquanto jornalismo científico na *Folha de S.Paulo*, as notícias são construídas a partir da crença da ciência como algo inquestionável, que não aceita versões, uma vez que só ela é capaz de demonstrar a “verdade” e tem o poder de criar “soluções mágicas” para amenizar dores, dizimar pragas e curar as mais distintas e complexas enfermidades. Desse modo, noticia-se uma grande corrida pela primazia, com destaque aos avanços e às novas descobertas científicas. Sendo que 57,9% dos textos têm a finalidade de divulgar um estudo científico e 47,7% são oriundos de periódicos internacionais – que substituem até mesmo o autor ou a instituição responsável pela pesquisa. Essas características demonstram a tendência do diário em explorar os transtornos enquanto doença orgânica e resultado de um mau funcionamento do organismo, o qual será compreendido, decifrado e tratado pela ciência.

Os cientistas e seus institutos, por sua vez, são vistos como desprovidos de interesse e preconceitos, que se dedicam com o intuito de melhorar as condições de vida da sociedade. Diante de tal missão, são heroicos e não devem ser questionados, nem por outro especialista. A eles e aos estudos que publicam nos grandes periódicos internacionais – esses a prova de fraudes e erros – não cabe dúvidas. O resultado de seu trabalho árduo é compartilhado com o grande público por meio do jornalismo científico, que usa e abusa dos números. Utiliza-se o potencial da estatística a fim de simplificar as pesquisas e fornecer relações causais entre ter uma determinada característica e desenvolver um transtorno ou portar um distúrbio e como consequência gerar outros problemas à saúde, estimar chances de cura e até causar o pânico ampliando o valor-notícia do acontecimento divulgado.

Diante de tal encantamento pela ciência, há uma tendência a dar voz apenas ao cientista responsável pelo estudo - o que ocorre em 30,3% das 66 notícias com fontes -, ou nem mesmo ouvir alguém. Divulgam-se resumos de *releases* enviados à imprensa por grandes periódicos tornando a contextualização artigo nem sempre obrigatório e o didatismo algo raríssimo, que quando feito resume-se à veiculação de comportamentos sintomáticos. Em apenas 41 textos há explicações sobre o que se noticia e qual o impacto daqueles números ou estudos no dia a dia do leitor do jornal, nos demais prioriza-se textos curtos em que o foco é o transtorno mental, a busca por sua causa e dinâmica, a propaganda de terapias e medicamentos.

Os protagonistas das histórias são a ciência e os transtornos, enquanto aqueles que vivenciam os distúrbios e suas implicações, os alvos e interessados diretos dos estudos e das terapias, são esquecidos e na maioria das vezes relegados a função de anedotas ou exemplos que ilustram possíveis fotografias do jornal. De modo que falta humanizar, os personagens quando ouvidos deram vida e veracidade a informação, entretanto tornaram-se artigos menos utilizados até do que a contextualização.

A missão estratégica do jornalismo científico é informar o público, dar subsídios para que ele tome decisões conscientes e críticas, entretanto há o predomínio de notícias superficiais que apenas dizem que aquilo existe, mas não formam, não atuam no intuito de mudar cenários, derrubar estigmas ou inserir socialmente o portador. Supervalorizam a ciência e desvalorizam o interesse público. Portanto, as notícias foram construídas predominantemente a fim de ressaltar a ciência e propagar seus feitos, mas sem preocupar-se em mudar imagens ou formar o público, de modo que muitas vezes foi possível notar contrariedades entre seus conteúdos e sentidos como ressaltado a seguir.

### **As notícias, as imagens e versões que as constituem**

Segundo Bardin (2009, p.40), a análise de conteúdo corresponde a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens”, cuja intenção “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Ela consiste em encontrar núcleos de sentido que compõem a mensagem do texto, sendo que o viés qualitativo foca na presença ou ausência de uma determinada característica no conteúdo. Fornece pistas que possibilitam realçar o sentido que se encontra no segundo plano da notícia, deduzindo suas condições de produção e, conseqüentemente, inferir porque elas são como são. Por isso, buscou-se no conteúdo das notícias, os sentidos, as continuidades e as contradições existentes.

Foi possível observar que até mesmo quando o foco é o jornalismo científico, os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens adquirem variáveis e múltiplos significados, que partem tanto da ciência quanto do saber prático e ao mesmo tempo em que se complementam também se contradizem.

Em relação à origem dos transtornos, predominou a tendência de explorá-los – sem distinção - enquanto doença mental, uma enfermidade como outra qualquer causada única e exclusivamente por uma falha orgânica. Entretanto houve notícias em que os abordaram a

partir do caráter comportamentalista atribuindo à felicidade no casamento ou o sofrimento em ter um filho na UTI a prevenção ou o fator desencadeador de um distúrbio. Outros textos, por sua vez, aliaram questões vivenciais ao mau funcionamento do cérebro ou problemas com os genes.

Da tendência em explorá-los como doenças, atribui-se à psiquiatria o caráter de ciência normativa, capaz de estabelecer padrões comportamentais que devem ser seguidos para que um indivíduo seja considerado “normal” e não um “louco” no futuro. Dela fortaleceu-se a imagem da ciência como meio para compreender os distúrbios, produzir os melhores tratamentos e descobrir sua cura - caminho no qual a genética desponta como fonte da saúde perfeita e mecanismo superpoderoso capaz de desvendá-los, superando todas as dificuldades impostas pelo fato de as psicoses incluírem muitas variantes.

Com isso, os transtornos são veiculados como algo tratável, seja por meio dos medicamentos – o mal necessário e usado em demasia na sociedade atual – ou através de atividades simples e receitas naturais como o sal de cozinha e a música e também de terapias cognitivo-comportamentais.

Ao mesmo tempo em que o sentido de doença ressalta os feitos da ciência e as possibilidades de tratamento, seu uso também dá brechas às representações sociais que enfatizam o caráter negativo, prejudicial e de sofrimento incutido na imagem de enfermidade. Desse modo, tornou-se quase padrão o hábito estabelecido entre os jornalistas de afirmar que a pessoa **SOFRE DE** um transtorno mental. Ainda que tratáveis, os distúrbios foram ressaltadas como condição permanente, desordem incapacitante, problema, causa de e sofrimento e seu portador como alguém capaz de cometer um ato violento. Ademais se enfatizou a relação com a morte, em especial, o suicídio, e o fato de que todos os distúrbios, por mais particulares que fossem, serem resumidos e unificados em uma única palavra e significado, a loucura – o qual foi compartilhado também por expertises.

### **Considerações Finais**

Por que temos essas notícias?

Localizado na intersecção entre Comunicação e Saúde e por se tratar de um tema científico composto por diversos distúrbios, que tem grandes implicações sociais, é possível afirmar que na construção social das narrativas noticiosas sobre os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens há espaço tanto para as variadas versões da ciência, quanto para os múltiplos enunciados que compõem o senso comum e as representações

sociais, que também atuam nos sentidos científicos e, por sua vez, integram o saber popular. De modo que as próprias versões científicas são conflitantes e parecem distantes da consolidação de um paradigma.

Portanto, a análise de quais as notícias científicas que temos sobre os transtornos mentais e de comportamento e porque as temos na *Folha de S.Paulo* em 2009 vai ao encontro da noção de jornal como veículo cuja característica intrínseca é a diversidade de vozes e versões da “realidade” por ele empregadas. O diário atuou como meio heterogêneo e espaço permanente de conflitos, tensões entre ciência e saber popular, mas também entre distintas correntes científicas. De modo que enunciados heterogêneos, complementares e conflitantes construíram os núcleos de sentido presentes nas notícias.

Notou-se que a *Folha de S.Paulo* construiu suas notícias a partir da crença em uma ciência neutra, isenta, sem interesses ou preconceitos e a voz que comporta a única versão existente da “realidade”. Entretanto, os próprios núcleos de sentido de abordagem dos transtornos provenientes da análise de conteúdo qualitativa foram capazes de derrubar a “tese” de ciência como verdade inquestionável e meio de “soluções mágicas” para a sociedade – que mesmo questionadas pela diversidade de enunciados continuaram reiteradas em textos individuais e na postura do jornalista de raramente questioná-la.

Portanto, ficou provado que as notícias sobre os transtornos mentais e de comportamento e seus portadores na *Folha de S.Paulo* em 2009 foram, de fato, polissêmicas, heterogêneas e até mesmo conflitantes. De modo que os distúrbios foram retratados como doenças mentais, cujas origens predominantes seriam orgânicas, porém muitas vezes influenciadas por fatores ambientais e o comportamento. Eles são tratáveis, entretanto são também condições permanentes, que causam sofrimento, relacionam-se com a morte e à violência e podem ser resumidos a partir da loucura e seus significantes sociais.

Por que as notícias são como são?

Portanto, é possível afirmar que **as notícias são como são** pois, enquanto produto midiático, atuam como incorporadoras e disseminadoras de representações sociais e, concomitantemente, das versões científicas sobre a temática noticiada. Elas contêm em si próprias a diversidade de sentidos e significados. De modo que há ciência no saber popular e senso comum no conhecimento científico, que por si só já contém controvérsias.

Além do mais, por se tratar de um produto marcado pela polifonia – diversidade de vozes (fontes) que participam de sua construção social– as notícias e o espaço em que são

veiculadas, o jornal, tendem a incorporar e disseminar essa heterogeneidade e atuam como campos de tensão e conflito entre as versões da “realidade” por eles noticiadas e que passam a representar aquele fato ao leitor.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, P.; HERZLICH, C. **Sociologia da doença e da Medicina**. Bauru: Edusc, 2001.
- AHCJ, ASSOCIATION OF HEALTH CARE JOURNALIST. Statement of Principles of the Association of Health Care Journalists. **Net**, Columbia, 2004. Disponível em: <<http://www.healthjournalism.org/secondarypage-details.php?id=56>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUER, M. A Popularização da Ciência como Imunização Cultural: A Função de Resistência das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 229-257.
- BERGER, L. P.; LUCKMANN, T. **A construção social da Realidade**. 20. ed. Vozes, Petrópolis: 2001.
- BIRD, E.; DARDENNE, R. W. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 263-277.
- BUENO, W. C. A cobertura de saúde na mídia brasileira: sintomas de uma doença anunciada. **Portal do Jornalismo Científico**, São Paulo, 2001. Disponível em: <[http://www.jornalismo-cientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_saude/artigo3.php](http://www.jornalismo-cientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo3.php)>. Acesso em: 12 de setembro de 2011.
- BUENO, W. C. Comunicação para a saúde: uma revisão crítica. **Portal do Jornalismo Científico**, São Paulo (s/d). Disponível em <[http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_saude/artigo9.php](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo9.php)>. Acesso em: 12 de set. 2011.
- BURKETT, W. **Jornalismo Científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CAPAZZOLI, U. A divulgação e o Pulo do Gato. In: MASSARINI, L; MOREIRA, I.C; BRITO, F. (Org.). **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 121-131.
- EPSTEIN, I. Comunicação e saúde. **Comunicação & Sociedade: revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo**, n. 35, p. 159-186, 1º sem. 2001.
- FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HACKETT, R. A. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 91-100.

HALL, S. et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

HILGARTNER, S. The dominant view of popularization: conceptual problems, political uses. **Social Studies of Science**, Londres, v. 20, p.519-539, 1990.

LUIZ, O. C. **Ciência e Risco à Saúde nos Jornais Diários**. São Paulo: Annablume; São Bernardo do Campo: Cescó, 2006.

MELO, J. M. O “calcanhar-de-aquiles” do Jornalismo Científico. In: SOUSA, J. P. (Org.). **Jornalismo, Ciências e Saúde: Actas do II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos e IV Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006. p.7-11.

MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos: Jornalismo e Cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NELKIN, D. **Selling Science: How the Press Covers Science and Technology**. New York: Freeman, 1995.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (Coord.). **Classificações de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

ROMERO, E. **O Inquilino do Imaginário: Formas de alienação e psicopatologia**. São Paulo: Lemos Editorial, 1994.

SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são? **Comunicação e Linguagem**, Lisboa, n. 8, p. 17-27, 1988.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, J. P. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. **BOCC**, Portugal, 2005. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-george-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2011.

TEIXEIRA, M. Pressupostos do Jornalismo de Ciência no Brasil. In: MASSARINI, L; MOREIRA, I.C; BRITO, F. (Org.). **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 133-141.

TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

TUCHMAN, G. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 74-90.

TUCHMAN, G. Contando “estórias”. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 258-262.